

FMI já fala em recessão mais suave

Economia - Brasil

SANTIAGO E CHICAGO - A recuperação surpreendente do Brasil após o choque da desvalorização do real levará a uma recessão menos profunda do que a inicialmente prevista, afirmou ontem o vice-diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Stanley Fischer. "Está começando a parecer que fomos pessimistas demais. Há sinais crescentes de recuperação a um ritmo maior do que o esperado", avaliou Fischer, que participou ontem do Fórum Econômico do Mercosul, na capital do Chile. O segundo homem da hierarquia do FMI até arriscou-se a prever uma contração de 2,5% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro - a previsão anterior era de uma queda de 3,8%.

Para Fischer, o pacote de socorro liderado pelo FMI, no valor de US\$ 41,5 bilhões, foi fundamental para estabilizar a situação econômica no Brasil e estancar a fuga de capitais. O vice-diretor-gerente do Fundo disse ainda que a rápida recuperação levará a uma revisão dos termos do acordo do empréstimo - as metas do acordo são revisadas trimestralmente.

Em conferência realizada no Federal Reserve Bank de Chicago, nos Estados Unidos, o presidente do Federal Reserve Board (Fed, banco central americano), Alan Greenspan, fez coro aos elogios à recuperação brasileira. Segundo Greenspan, a América Latina conseguiu "evitar o pior" e reagiu de forma surpreendente à desvalorização do real e à consequente recessão no Brasil. O presidente do Fed alertou, no entanto, para os riscos de um retrocesso, caso não sejam superadas as dificuldades estruturais da economia nacional, "especialmente a questão fiscal". E voltou a pregar a realização de reformas, não só no Brasil mas também nas demais economias latino-americanas.

O discurso de Greenspan espalhou tensão no mercado americano. O presidente do Fed reconheceu que a performance da economia dos Estados Unidos foi "realmente fenomenal", mas avisou que os "desequilíbrios" no modelo atual de desenvolvimento podem levar esse ciclo, "de forte crescimento e baixa inflação", a um fim. As declarações foram entendidas como um sinal de que as taxas de juros devem ser elevadas em breve, de modo a evitar uma escalada inflacionária e tentar manter o ritmo de expansão da economia sob controle.

JORNAL DO BRASIL

07 MAI 1999